

Dados da escrita infantil e sua contribuição à discussão fonológica sobre os ditongos [aj] e [ej]

Marco Antônio Adamoli¹, Ana Ruth Moresco Miranda²

¹Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

²Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

marcoadamolli@ig.com.br, ramil@ufpel.tche.br

Resumo. Neste estudo, apresentamos alguns dos resultados obtidos por Adamoli (2006) sobre o processo de aquisição gráfica dos ditongos orais mediais, baseados em dados extraídos de 940 produções escritas espontaneamente por crianças de 1ª e 2ª série de duas escolas, uma pública e outra particular, da cidade de Pelotas/RS. Nesses textos, chamou-nos a atenção a diversidade de erros gráficos envolvendo os ditongos variáveis, entre apagamentos, acréscimos ou mesmo substituições das semivogais por consoantes. Essa observância revelou a ambigüidade gerada por tais estruturas aos aprendizes da escrita bem como a dificuldade que possuem em representá-las graficamente. De posse dessas informações, pretendemos contribuir, apoiando-nos em dados de aquisição de escrita infantil, com a proposta teórica de Bisol (1989, 1994) acerca da origem do glide epentético dos ditongos fonéticos [aj] e [ej].

Abstract. In this study, we have presented some of the results obtained by Adamoli (2006) in the process of the writing acquisition of the medial oral diphthongs, based on data extracted from 940 productions written spontaneously by first and second graders in a public and a private school in Pelotas/RS. In these texts, the diversity of graphic mistakes involving the variant diphthongs, such as deletions, increments and even substitutions of the semivowels for consonants, called our attention. This observance has revealed the ambiguity such structures generate to the learners of the written language as well as the difficulty they have in representing them graphically. Based on data of children's written language acquisition, we aim at contributing to Bisol's theoretical proposal (1989, 1994) concerning the origin of the epenthetic glide of the phonetic diphthongs [aj] e [ej].

Palavras-chave: Fonologia; aquisição da escrita; ditongos variáveis

1. Introdução

Este estudo baseia-se na dissertação intitulada *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia* e pretende contribuir, à luz de dados de aquisição de escrita espontânea infantil, para com a discussão proposta por Bisol (1989, 1994) acerca da origem do glide epentético dos ditongos fonéticos [aj] e [ej].

Para a discussão aqui pretendida, cujo enfoque é a grafia dos ditongos orais mediais, traremos dados extraídos de 940 textos produzidos espontaneamente por crianças pertencentes às duas primeiras séries de duas escolas, uma pública e outra particular, da cidade de Pelotas/RS. Dentre diferentes tipos de problemas detectados nesses textos, chamou-nos a atenção a grande quantidade de erros¹ ortográficos de naturezas diversas relativos à grafia desses grupos vocálicos, entre supressões ou acréscimos de semivogais ou mesmo substituições por consoantes. Tal observação evidenciou, entre outras questões, a ambigüidade gerada por tais estruturas aos aprendizes da escrita, bem como as dificuldades ortográficas que possuem em relação a essas seqüências vocálicas.

Com este estudo, procuramos compreender um pouco melhor o processo a partir do qual as crianças em fase de apropriação da escrita constroem seu conhecimento sobre o sistema ortográfico do português. Além disso, os resultados obtidos com esta pesquisa reforçam a idéia de que dados de escrita inicial, assim como os de aquisição oral e os de variação, podem também contribuir para com discussões teóricas sobre algumas questões da fonologia do PB, no caso específico deste estudo, sobre a origem do glide epentético [j] dos ditongos [aj] e [ej] proposta por Bisol (1989, 1984).

2. Sobre a aquisição da escrita

Ao se apropriar sistematicamente da escrita na escola, a criança lança mão de um conhecimento internalizado que já possui sobre o sistema fonológico de sua língua, utilizando-o, muitas vezes, como referência durante o processo de desenvolvimento do novo código. C. Chomsky (1970), embasada da teoria fonológica proposta por Chomsky e Halle (1968), evidencia que “o componente fonológico não mais pode ser ignorado na aquisição da escrita”. Conforme a autora, “a escrita muitas vezes não é arbitrária, mas corresponde a algo real que a criança já sabe e pode explorar”. Além disso, a autora refere também que a escrita convencional de palavras corresponde a um nível abstrato subjacente de representação dentro do sistema sonoro da língua.

No processo de apropriação da escrita, fator que deve ser levado em consideração para entender muitas das motivações infantis quanto à escolha por opções gráficas diz respeito à influência que pode a fala exercer em estágios mais iniciais do processo. A aprendizagem da língua escrita, como se sabe, é posterior à da falada, aproximadamente aos cinco ou seis anos é que a criança acaba a conhecendo sistematicamente na escola. Uma vez que se baseiam, algumas vezes, em sua própria fala, muitas crianças encontram dificuldades quanto à forma que devem grafar determinadas palavras. Kato (2002) menciona que a percepção das propriedades de um objeto torna-se mais fácil quando o confrontamos com outro objeto de natureza semelhante.

Abaurre (1987), sobre essa questão, afirma que, de um modo geral, elas recorrem à oralidade para construir hipóteses sobre a escrita. Entretanto, a autora adverte que o que aguarda a criança é bem mais complexo do que escrever a fala e salienta que ela irá perceber tal complexidade logo no início do processo.

¹ A palavra ‘erro’ é usada neste estudo de acordo com a concepção piagetiana do termo. O erro é construtivo, no sentido de que é a partir dele que surge o conflito cognitivo, elemento essencial à aprendizagem.

Nesse período mais inicial, deve ser levado em conta também o fato de que a criança está passando por momentos de grandes reestruturações globais, algumas das quais, conforme Ferreiro e Teberosky (1999), acabam sendo ‘errôneas’, porém construtivas. Implicada nessa afirmação está a noção de erro construtivo, de extrema importância para melhor compreender-se o processo de aquisição da língua escrita. Muitas vezes, ao errar, conforme Moreira e Pontecorvo (1996), as crianças infringem o sistema ortográfico, porém a transgressão ao sistema gráfico da língua é algo dificilmente percebido.

Portanto, sobre o aprendizado da escrita, resta ainda mencionarmos que este se dá, precipuamente, por meio de três componentes envolvidos nesse processo: um sistema de unidades fonológicas, um sistema de unidades gráficas e um sujeito que estabelece a todo instante relações entre esses dois sistemas e que procura compreendê-los através de suas próprias experiências. O resultado da estreita relação entre esses três elementos pode ser observado em sua forma mais concreta – as primeiras produções escritas infantis –, qual seja, um valioso material lingüístico capaz de revelar, por trás de aparentes erros, muito do conhecimento infantil.

3. Ditongo fonético e ditongo fonológico

No PB, são 11 os ditongos orais decrescentes conforme descrição de Camara Jr. (1977), três dos quais passíveis de sofrerem apagamento das semivogais na fala, a saber, [aj], [ej] e [ow]. Nos demais casos, as estruturas [j] e [w], de acordo com resultados de estudos variacionistas (MENEHINI, 1983; CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; ARAÚJO, 2000), não serão suprimidas.

Bisol (1989) propõe a existência de duas classes de ditongo em português: o leve e o pesado; em outros termos, respectivamente, o verdadeiro ditongo e o falso ditongo. Dentro dessa perspectiva, existem, para a autora, duas estruturas subjacentes para esses grupos segmentais: uma para o verdadeiro – /'leite/, /'kauda/, representado subjacentemente por duas vogais; outra para o falso – /'kaʃa/, /'peʃe/, representado na subjacência apenas por uma vogal. De acordo com essa proposta, enquanto o primeiro ditongo possui duas posições no *tier* da rima, constituindo uma sílaba complexa, o segundo constitui uma rima simples, sendo criado no *tier* melódico por processos assimilatórios. As estruturas profundas dessas duas classes de ditongos podem ser visualizadas através das Figuras 1 e 2.

A fim de justificar sua idéia, a autora parte do argumento de que os verdadeiros ditongos formam pares mínimos com a vogal simples, como em /pata/ e /pauta/, ao contrário dos falsos que, embora alternem também com a vogal, não acarretam mudança de sentido. Bisol defende a idéia de que nos contextos / ʃ / e / ʒ / os ditongos [aj] e [ej] possuem apenas uma vogal na forma subjacente. Na interpretação da autora, a presença ou a ausência do glide em [vej]ʃami e [kaʃa], por exemplo, deve-se à presença da consoante palatal². Esse fato só é possível devido a um processo assimilatório que se dá

² De acordo com a geometria de traços proposta por Clements (1991), palatal - / ʃ /, / ʒ /, / ɲ / e / λ / - é uma consoante com articulação secundária, a qual possui tanto os traços consonantais propriamente ditos, quanto os traços vocálicos. Estes podem espriar, como acontece com o traço secundário da palatal em contexto específico, isto é, precedido de /e/ e /a/ (COLLISCHONN, 1996, p. 118).

no *tier* melódico, em que o traço alto da consoante / ʃ / é compartilhado por dois segmentos vizinhos. Valendo-se da teoria fonológica, proposta por Clements (1991), para explicar o surgimento do glide epentético, Bisol (1994) diz que

a organização dos segmentos em traços hierarquizados, como o modelo propõe, oferece elementos que permitem captar a origem do glide epentético. Acrescenta-se a isso a idéia implícita de que todo processo de assimilação consiste em espraçamento de traços.

Desse modo, é explicado o surgimento do glide epentético: o nó *vocálico* que domina o [coronal] e abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados. É criado, então, um segmento como um legítimo processo de assimilação. Para Bisol, encontra-se aí a verdadeira origem do glide.

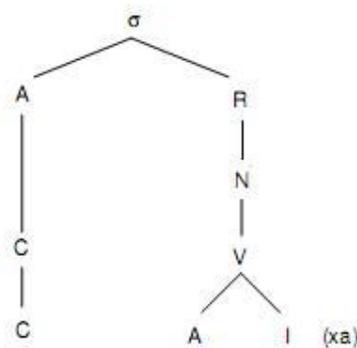
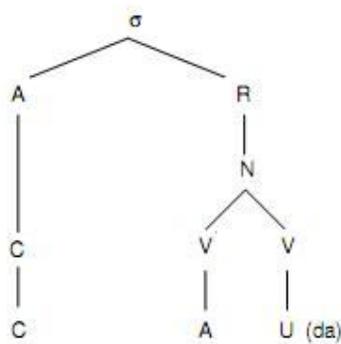


Figura 1. Estrutura subjacente do ditongo fonológico Figura 2. Estrutura subjacente do ditongo fonético

Em relação ao ambiente de *tepe*, por alternar livremente com a vogal simples e por não acarretar mudança de sentido, como em [‘fejra ~’fera] e [pri’mejru ~ pri’meru], a estrutura [ej] é interpretada como um ditongo leve. Resumidamente, são apresentados os dois argumentos nos quais Bisol se baseia para justificar que esse ditongo não existe na estrutura profunda quando seguido de líquida não lateral. O primeiro parte da existência de pares /a, ej/ – primário, primeiro – em que há uma relação de metátese, de maneira que a vogal /a/ alterna com /ej/ na derivação.

Quanto ao segundo argumento, a autora (1989:196), valendo-se da escala de soância, diz que *líquidas são a categoria mais próxima do fim da escala de soância e parecem possuir características vocálicas e que, considerando-se a organização de traços binários, existe, entre a vogal e a líquida / r /, um vazio que pode ser preenchido por um glide.*

4 . Sobre a metodologia desse estudo

Os dados que fazem parte do corpus deste estudo foram extraídos de redações produzidas espontaneamente por alunos de 1ª e 2ª série do ensino fundamental, as quais pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita, proveniente do Projeto de

Pesquisa intitulado – *Aquisição e Desenvolvimento da escrita: Ortografia*³. Os sujeitos são crianças que apresentavam, na época da coleta dos textos, idades entre seis e nove anos e que freqüentavam duas escolas da cidade de Pelotas/RS, uma pública e uma particular. Aproximadamente vinte e cinco alunos compunham cada turma.

Após uma pesquisa exploratória, cujo objetivo era o de observar a performance escrita dos alunos relativa aos ditongos orais mediais, contatamos uma grande quantidade e variedade de formas tidas como não-convencionais envolvendo principalmente os grupos vocálicos ‘ai’⁴, ‘ei’ e ‘ou’⁵. Para o levantamento de dados, foram analisadas 940 produções escritas referentes às dez coletas de textos, dos quais foram extraídas 1190 palavras em que havia contexto para a grafia desses dois ditongos. Vale destacar que, em cada uma das coletas, foi aplicada uma oficina de produção textual cuja finalidade era a de motivar os alunos a escreverem com espontaneidade e criatividade.

O levantamento, a posterior digitação e a análise dos dados da pesquisa seguiram os parâmetros do programa estatístico GOLDVARB 2001, cuja escolha teve sua principal justificativa na eficácia do VARBRUL para análises de dados lingüísticos em grande quantidade, uma vez que propicia ao pesquisador freqüências e probabilidades das variáveis relacionadas ao fenômeno sob investigação. Depois de proceder a várias rodadas, esse programa selecionou, dentre as variáveis previamente selecionadas, aquelas tidas como favorecedoras da supressão das semivogais.

As variáveis lingüísticas submetidas à análise foram *contexto fonológico seguinte, tonicidade e categoria morfológica*. A primeira variável teve a intenção de averiguar se o contexto fonológico seguinte ao ditongo tinha influência sobre a aplicação da regra da monotongação. A segunda pretendeu verificar uma possível diferença no comportamento dos ditongos em sílabas tônicas em relação aos ditongos em sílabas átonas. Com a terceira variável, pretendemos observar a possibilidade de a supressão das semivogais estar sujeita ou não a um condicionamento de nível morfológico.

Os dados foram também analisados quanto às variáveis extralingüísticas *tipo de escola, série e sexo*. Em relação à primeira, pretendemos verificar a performance escrita de alunos pertencentes a instituições particulares e públicas, já que estudos, como os de Mollica (1988), apontam um melhor desempenho oral e escrito de alunos provenientes de escolas particulares; com a segunda, buscamos observar em qual das duas séries a freqüência de supressão era maior; por fim, a variável *sexo* teve o objetivo de constatar se a supressão sofria ou não influência desse fator.

³ Projeto desenvolvido no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação da Professora Dr. Ana Ruth Moresco Miranda. Pesquisa apoiada pelo CNPq – Processo nº 400882/2008-6.

⁴ Foram detectadas apenas 64 palavras que apresentaram contexto para a grafia desse ditongo, quatro das quais sofrem processo de apagamento do grafema ‘i’. Por apresentar baixo número de palavras, esse grupo vocálico, ao contrário de ‘ei’ e ‘ou’, não foi submetido às rodadas do VARBRUL.

⁵ Neste estudo, para mostrar a oposição entre a representação gráfica e fonética dos ditongos, estarão sendo usadas aspas para marcar a forma escrita e colchetes, para representar foneticamente o segmento.

5 . Sobre os dados analisados

Assim como os resultados de estudos variacionistas e os de aquisição da linguagem (BONILHA, 2000), deve-se referir que dados de escrita infantil, considerados para esta análise, amparam igualmente a proposta defendida por Bisol (1989, 1994) acerca da origem do glide dos ditongos [aj] e [ej], como veremos a seguir.

No corpus analisado, conforme podemos observar na Tabela 1, um expressivo número de palavras apresentou supressão da semivogal do ditongo ‘ei’ diante, respectivamente, da consoante / r / e das consoantes palatais / ʃ / e / ʒ /, tal qual se observa na língua oral.

Contexto seguinte	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
r	197/264	75%	67/264	25%	.78
ʃ/ʒ	107/127	84%	20/127	16%	.66
Input = 0.08			Significância = 0.017		

Tabela 1 – Efeito da variável contexto seguinte na supressão da semivogal do ditongo ‘ei’

A consoante líquida / r / obteve índices altos de supressão, o equivalente a 25% do total de palavras nas quais se verificou contexto para a grafia desse ditongo. Além disso, o peso relativo de **.78** também aponta a forte tendência dessa consoante em propiciar a supressão da semivogal nos dados da escrita. Com índices um pouco menores de supressão, ou seja, 16%, e peso relativo de **.66**, evidenciamos que o contexto seguinte ao ditongo formado pelas palatais alveolares mostrou-se também relevante para o apagamento da semivogal.

Por ora, vamos nos ocupar a discutir, com base na proposta de Bisol, a hipótese do espraiamento do nó VOCÁLICO presente nas palatais para explicar, nos dados de escrita infantil, o surgimento ou o apagamento do grafema. Em seguida, passemos à discussão concernente a esses dois fenômenos no ambiente de tepe.

Da Teoria Autossegmental, proposta por Clements (1991), tem-se a noção de nó articulador, a qual agrupa traços hierarquicamente com base no articulador que os executa. Nessa perspectiva, os segmentos são representados com uma organização interna, como se observa a partir das Figuras 3 e 4. Sob a dominância de um nó de ponto de consoante (PC) e de um nó de ponto de vogal (PV), respectivamente, encontram-se esses articuladores, os quais se distinguem devido às diferentes posições na representação arbórea em que se encontram.

Ao compararmos essas duas estruturas, percebemos que a Figura 3, na qual está representada a consoante palatal / ʃ /, possui traços secundários que se encontram ligados ao nó mais baixo, PV, que é, como dito anteriormente, o ponto de vogal. É por essa razão que, para Bisol, somente as consoantes complexas, e não as simples, representadas na Figura 4, oferecem condições para que haja o espraiamento responsável pelo surgimento do glide, uma vez que as consoantes simples não apresentam em sua geometria um PV. No entanto, será visto a seguir, quando discutida a supressão da semivogal de ‘ei’ diante de / r /, que as líquidas, conforme a proposta de Matzenauer-Hernandorena (1995), também podem desencadear o espraiamento do nó VOCÁLICO.



Figura 3. Estrutura subjacente do ditongo fonológico Figura 4. Estrutura subjacente do ditongo fonético

No corpus analisado, além dos casos em que o ditongo ‘ei’ foi reduzido à simples vogal diante de palatal, como em (1a), observamos que várias palavras, em cuja escrita convencional não se verifica a presença desse ditongo, apareceram grafadas com semivogal, como revelam os exemplos em (1b).

(1a) ‘peixe’, ‘dexaram’, ‘bejo’

(1b) ‘peicharam’, ‘feixar’, ‘peixo’ (pechar)

Da mesma forma, casos envolvendo a grafia do ditongo ‘ai’ foram observados, ora suprimindo-se a semivogal, ora acrescentando-a diante da palatal / ʃ /, respectivamente, exemplos em (2a) e (2b):

(2a) ‘caxa’, ‘faxe’, ‘embacho’

(2b) ‘taixa’, ‘aicha’, ‘caichoeira’, ‘agaichou’

Tanto os dados em (1a) e (1b) quanto os em (2a) e (2b) indicam-nos a confusão que tais estruturas geram às crianças aprendizes da escrita, e parecem indicar-nos que realmente o funcionamento das palatais influencia a sua decisão na escrita. Assim, o fato de se verificar a presença de ditongos em (1b) e (2b) evidencia a dúvida por parte das crianças em relação a quais palavras devem conter o ditongo na forma escrita, antes da palatal, possivelmente motivadas pela fonologia da língua.

Curiosa também foi a constatação ora do apagamento, ora do acréscimo do grafema ‘ i ‘ diante das consoantes alveolares / t / e / d /, cujos exemplos podem ser conferidos, respectivamente, em (3a) e (3b).

(3a) ‘fetiço’, ‘esketi’

(3b) ‘peidio’

Relativamente aos exemplos em (3a), tanto dados da variação quanto da aquisição, mais uma vez, não fazem referência a esses contextos como facilitadores da monotongação do ditongo [ej], pois nesses casos não estamos diante de falsos ditongos. Ainda que essas palavras tenham uma seqüência de vogais na subjacência e, na superfície, não costumem sofrer processo de apagamento por constituírem, conforme a idéia que viemos discutindo até aqui, um ditongo fonológico, observou-se a supressão da semivogal.

Chama a atenção, nesses dois exemplos, o fato de a consoante seguinte ser uma plosiva coronal, que, no dialeto estudado, sofre um processo de palatalização devido à presença da vogal alta [-post], / i /. Esses dados poderiam indicar a tentativa de evitar a seqüência Vi.Ci., uma vez que essa consoante, por ter sofrido palatalização, passa a ter em sua configuração um PV, e, neste caso, estaria fazendo efeito o Princípio do Contorno Obrigatório⁶.

Em (3b) observa-se um dado que evidencia um movimento contrário àquele verificado em (3a), isto é, há um acréscimo do grafema ‘i’ na seqüência de obstruente coronal e vogal alta também coronal. Neste caso, podemos pensar que o espraimento está sendo desencadeado pela vogal alta que antecede a consoante. Seriam necessárias duas etapas para pensarmos esse fenômeno: a consoante é palatalizada na forma oral, conforme podemos observar através da Figura 5, e depois a própria consoante palatalizada influencia a presença da vogal alta que, na sílaba que a antecede, forma com a vogal do núcleo um ditongo, como em ‘peidio’.

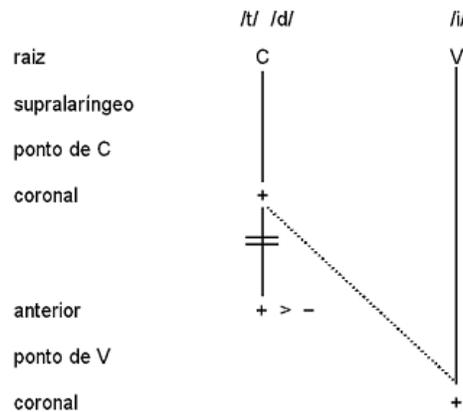


Figura 5. Regra de palatalização segundo a Teoria de Autossegmental

O traço coronal presente nessas consoantes está ligado ao nó PC em uma posição mais alta que o coronal da vogal / i /. Na vogal, ele encontra-se unido ao nó PV, o qual se liga ao PC por meio de um nó VOCÁLICO intermediário (cf. Figura 1). Este domina, então, também os traços de altura da vogal, ligados ao nó de abertura. O traço coronal presente na vogal / i / converte o traço [+ anterior] da consoante para [- anterior], resultando, assim, a palatalização de / t / e / d / como um verdadeiro processo de assimilação.

Nos dois últimos exemplos discutidos, relativos à inserção e ao apagamento da vogal alta em um contexto similar, antes de obstruente coronal, traçamos dois raciocínios que buscaram dar conta do fenômeno observado. Interessante notar que, mesmo que indiciem movimentos contrários, em ambas as situações, os aprendizes, ao produzirem suas grafias, lançaram mão de conhecimentos sobre a língua, os quais puderam ser descritos com os princípios e convenções da teoria fonológica.

⁶ (Obligatory Contour Principle) – OCP – Este Princípio foi proposto por Leben (1973) e, segundo a sua formulação, elementos adjacentes idênticos – traços ou nós - são proibidos.

Até este ponto, buscamos corroborar, a partir de exemplos extraídos de escrita infantil espontânea, com a idéia de que consoantes palatais, por apresentarem em sua geometria o nó VOCÁLICO, são as responsáveis, na escrita, ora pelo acréscimo, ora pelo apagamento da semivogal dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’. Passemos, agora, aos exemplos de acréscimo e de supressão do grafema ‘i’ em ambiente de tepe.

Face aos resultados expressos na tabela 1, os quais mostram ser esse contexto significativamente influente nos erros de escrita, e à constatação de que o fenômeno observado nos textos analisados é muito semelhante ao ocorrido no registro falado, podemos pensar na possibilidade, dada a já comprovada redução desse ditongo na fala (CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; MENIGUINI, 1983), de que esteja ocorrendo de fato uma interferência na escrita, uma vez que são palavras de uso bastante freqüente na língua, como revelam os exemplos em (4).

(4) ‘pagodero’, ‘dinhero’, ‘pandero’, ‘tornera’

À semelhança do que ocorreu com esse ditongo frente às palatais, relativamente ao acréscimo do grafema em (1b), (2b), e (3b), constatamos fenômeno igual também diante de tepe. O exemplo em (5) ilustra esse fato.

(5) ‘morreiram’

Retomando a discussão de Bisol (1989) acerca do ambiente de tepe e levando em consideração que tais explicações são, até certo ponto, insatisfatórias, como a própria autora reconhece, parece a escala de soância, representada na Figura 6, ser ainda a possibilidade mais adequada para interpretarmos o apagamento em (4) e o acréscimo do grafema ‘i’ em (5):

<i>obstruintes</i>	<i>fricativas e /R/</i>	<i>nasais</i>	<i>laterais</i>	<i>glides e /r/</i>	<i>vogais</i>
0	1	2	3	4	5

Figura 6 - Escala de Soância_(Bonet e Marcaró, 1996)

Se considerada a proposta de escala criada por Bonet & Mascaró (1996), segundo a qual as líquidas não-laterais compartilham com os glides o mesmo estrato na escala, sendo vizinhos das vogais, é possível reforçar a idéia da autora. Seguindo ponto de vista semelhante, Matzenauer-Hernandorena (1995), ao discutir o comportamento das líquidas nos dados de aquisição, propõe a existência, na estrutura subjacente dessas consoantes, de um nó VOCÁLICO. Para a autora,

“... na estrutura das líquidas, também pode estar presente, no processo de aquisição, o nó VOCÁLICO, que é a marca das vogais, ou seja, a presença, no nó de raiz, dos traços [+ aproximante] e [+soante] implica a possibilidade da existência, na estrutura do segmento, também do nó VOCÁLICO. Esse fato seria decorrente da imanência dos traços maiores” (pág. 105).

A estrutura das consoantes líquidas, Segundo Matzenauer-Hernandorena (1995), pode ser conferida na Figura 7:

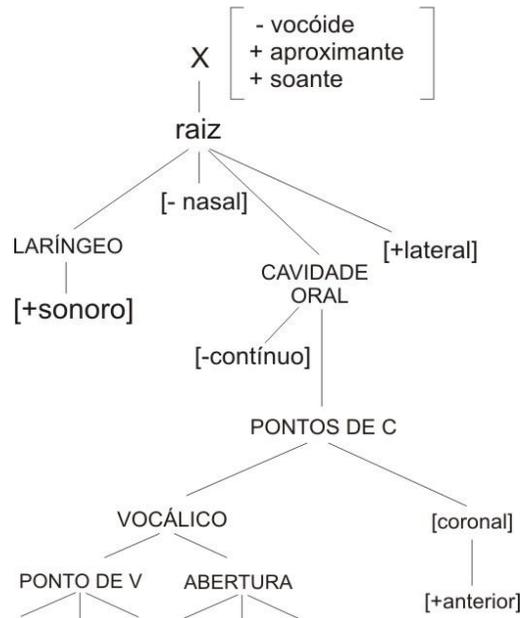


Figura 7 – Estrutura das consoantes líquidas segundo Matzenauer-Hernandorena (1995)

Essa estrutura permite que se entenda como surgiria o glide epentético diante da líquida não lateral. Através de processos assimilatórios que se dão no ‘tier’ melódico, o traço alto dessa consoante é compartilhado por dois segmentos seguintes. Isso criaria, portanto, o glide por assimilação. A consoante /r/ e a vogal, então, compartilham dois traços [+alto] e [-posterior], o que faria aparecer um glide entre os dois segmentos, ligando as duas sílabas com um verdadeiro processo de assimilação.

Nesse sentido, da mesma forma que o nó VOCÁLICO da consoante palatal motiva o surgimento do glide nos casos de *caixa* e *peixe*, e também o surgimento do grafema ‘i’ em ‘feixar’, ‘taixa’, e ‘peidio’ na escrita infantil, pode-se sugerir que o nó VOCÁLICO presente na estrutura da líquida não-lateral, segundo Matzenauer-Hernandorena (1995), motivou o apagamento ou o surgimento desse grafema nas palavras em (4) e (5), conforme sugeriu Bisol (1989, 1994).

6. Comentários Finais

Por fim, não podemos deixar de mencionar, ante os exemplos aqui discutidos, que os fenômenos observados anteriormente – monotongação, apagamento e epêntese – indicam que a tarefa das crianças, durante o processo de aquisição gráfica, é bastante complexa e que, neste processo, elas recorrem ao conhecimento já construído acerca da fonologia da língua. Nesse sentido, o exercício de análise que fazemos é importante, à medida que procura reconstruir o pensamento da criança, explicitando-o.

7. Referências e Citações

ABAURRE, M. B. **O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?** Anais do GEL, 1987.

ADAMOLI, M. A. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel. Pelotas, 2006.

ARAÚJO, M. F. R. de. **Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ey] no dialeto de Caxias (MA).** R. Letras, PUC-Campinas 19, 2000.

BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual.** D.E.L.T.A., vol. 5, n. 2, p. 185 – 224, 1989.

____. **Ditongos derivados.** D.E.L.T.A., v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.

____. **O Ditongo em Português.** ABRALIN, (11), 1991.

BONET, E. & MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics.** Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BONILHA, Giovana. **Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade.** 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), UCPel, Pelotas, 2000.

CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.** 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1972.

____. **Para um estudo da fonêmica portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CLEMENTS, G. N. **Place of articulation in consonants and vowels.** Working. Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, n. 5, p. 37 – 76, 1991.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização.** São Paulo: Editora Cortez, 2003.

MENEZHINI, F. M. **O fenômeno da Monotongação em Ibiaçá.** Porto Alegre, 1983. Dissertação (Mestrado em Letras), PUCRS, 1983.

MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. **Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil,** Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008 (no prelo)

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. M. **Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 30, n.4, p.91-110, 1995.

___ & LAMPRECHT, Regina R. **A hierarquia de restrições na aquisição de padrões silábicos do português.** Trabalho apresentado no II Congresso Internacional da ABRALIN. Florianópolis: UFSC, fev, 1999.

MATZENAUER, Carmem Lúcia. **A aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos.** 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

___. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In LAMPRECHT, R. R. (org). **Aquisição fonológica do português.** São Paulo.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) **Padrões sociolingüísticos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.